

COMO PODEMOS DEBATER AS MASCULINIDADES COM OS HOMENS? UMA ANÁLISE DO PODCAST MEMOH

Gleissiano Ruan de Freitas (PIBIC/AF/CNPq/FA/UEM), Eliane Rose Maio (Orientadora), e-mail: ermaio@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

Área e sub-área do conhecimento: Ciências Humanas e Educação

Palavras-chave: masculinidades, Podcast, violências.

Resumo

O presente PIBIC tem como objetivo geral analisar 15 episódios do *Podcast* sobre masculinidade *MEMOH*, para assim, examinar como os homens debatem os temas relacionados às suas masculinidades, e assim, nos dispomos a uma análise empírica, na qual, escutamos e analisamos algumas das conclusões dos participantes do *Podcast*, debatendo junto aos autores especializados. Com isso, chegamos à consideração de que o *MEMOH* carrega várias funções sociais, uma vez que, este provoca os seus participantes a questionarem as práticas de violência que o sistema patriarcal trata como “normal, essencial” ao “homem de verdade”.

Introdução

O *Podcast* dentro da história e comparado a mídias, como Rádio ou Televisão, está localizado em um passado recente, mais recente inclusive que a própria internet, uma vez que, somente com o alto crescimento desta última foi possível a difusão de informações em massa, algo que deve ser problematizado, mas que, no entanto, não é nosso objeto de análise.

Com isto, temos a dizer que visando sondar como os homens estão debatendo as suas masculinidades e questões, partindo-nos do que Michel Foucault (2008) chamou de discurso, uma vez que, para os homens estarem debatendo e problematizando ações que dizem respeito à sua masculinidade, tem em muito a ver com os discursos que estes escutaram e escutam, sobre o que é “ser homem” em contraposição ao movimento feminista que exige a equidade de gênero.

Assim, surgiu o *MEMOH*, que de acordo com seus realizadores, tem como objetivo primordial a busca pela equidade de gênero, assim tendo 15 de seus episódios eleitos para serem estudados, e todos são referentes ao ano de 2019, tratando de várias temáticas relacionadas ao debate de gênero e principalmente qual é o papel dos homens nessas relações.

Materiais e Métodos

Da metodologia se originou nosso maior desafio, que foi encontrar técnicas que versassem sobre como proceder diante dos *Podcasts*, haja vista que, estes surgiram no século XXI, e passaram a ter mais relevância e audiência com os *streamings* de música que passaram a disponibilizar, muitas vezes de forma “gratuita”, os episódios, que por serem áudios, podem ser reproduzidos em quaisquer lugares, tais como na fila de um banco, dentro do carro etc., basta um *smartphone*.

Tácito a isso, o potencial dos *Podcasts* foi visto por grandes conglomerados do Vale do Silício, na Califórnia, como é o caso do *Google*, que disponibiliza a plataforma *Google Podcast*, sem cobrar mensalidades, fenômeno que podemos chamar de “democratização dos *Podcasts*”.

Levando isso em consideração, Gessiela Nascimento e Roseane Arcanjo (2021) fizeram uma revisão bibliográfica de alguns trabalhos que tinham por fontes os *Podcasts*, no entanto, em suas análises não encontram uma metodologia sólida, todavia as autoras informam que, a maioria dos trabalhos, baseava-se na escuta e posterior análise dos episódios, deste modo, nossa abordagem foi voltada para um estudo empírico do objeto, ou seja, pegamos a estrutura da discussão e a colamos em xeque, a partir de nossas leituras e autores/as interdisciplinares especialistas na temática.

Analisamos assim 15 episódios: “Assédio em espaços público”; “Machismo no trabalho”; “Ausência paterna”; “Homem de verdade?”; “Pedir ajuda”; “Medo do feminismo”, “Amigo de mulher”, “Passar pano”, “Machismo no universo LGBTQIA+”; “Manifesto”, “Grupos reflexivos para homens”; “Paternidade no Brasil”; “Relacionamentos não-monogâmicos”; ‘Masculinidades negras’; Masculinidades e religião”. Ambos os episódios publicados no ano de 2019, ficando de fora deste recorte temporal apenas o “Caso Neymar”, que por se tratar de algo muito específico, não se enquadrou na sondagem empírica que nos propusemos.

Resultados e Discussão

Com a expansão crescente das redes de *internet* e por consequência, das mídias, destaca-se o *Podcast*, haja vista que, por se tratar de um arquivo de áudio, pode ser escutado no trânsito, na caminhada, trabalho, e até academia, e o que em nossa avaliação, o que mais o difere, é a sua dinâmica, que não consiste em um monólogo mas sim em uma conversa flexível entre os/as participantes, permitindo assim, a falta de uma necessidade expressa de um roteiro, tendo como base as questões que permitem que o/a convidado/a expresse sua opinião sem seguir as convenções formais que um *script* costuma seguir.

Assim, em nossa análise, optamos por sondar os rumos e conclusões obtidas pelos/as próprios/as participantes, para daí debatermos juntamente com os referenciais bibliográficos, possibilidades e o que tais considerações postas no *Podcast* implicam na masculinidade dos sujeitos, na qual Maria José Barbosa (1998), apresenta o masculino como uma construção social, em que estão submetidos desde criança, na escolha do enxoval, brinquedos, modo como se lidam com eles etc.

Em paralelo a isso, é notável a partir das falas dos episódio que esses homens foram e são condicionados a uma série de práticas para se colocarem enquanto “homens de verdade”, e que variam, dependendo do local de fala de cada um, e que apesar disso, essas práticas giram em torno da sexualidade, cobrando um controle dos homens, e que quando se trata de um homem LGBTQIA+, este deve ser o mais viril em suas relações com outros homens, pois, às vezes, quando um homem não se demonstra heterossexual pode ser cobrado dele violências de gênero, para que assim tenha maiores posicionamentos entre os seus pares, e acaba corroborando a afirmação de que os homens são condicionados desde crianças a praticar violências e quando adultos se relacionam praticando e cobrando violência dos demais.

Foi possível chegarmos à consideração de que aquele debate só foi possível por causa do incômodo que os homens passaram a sentir no que diz respeito às suas atitudes, incômodo esse que podemos atribuir aos movimentos feministas que exigem igualdade e equidade de gênero e fizeram e fazem os homens repensarem as suas masculinidades (JANUÁRIO, 2016).

E que de acordo com tais sujeitos do *MEMOH*, apesar de estarem debatendo questões sobre o universo masculino, estes por vezes se viam como agressores nas relações de gênero, o que nos confirmou a hipótese de que o processo de desconstrução de masculinidades violentas, para algo considerado “saudável”, igualitário, é um processo contínuo, como podemos observar, costuma ocorrer de forma lenta.

Conclusões

Por fim, é perceptível em nossa análise que o debate acerca da igualdade e equidade de gênero se devem muito às mulheres, que a partir de seus posicionamentos, colocaram o patriarcado sob questionamento, fazendo com que uma parcela, que podemos considerar diminuta dos homens, repensassem a sua masculinidade, entendo que eles próprios haviam sofrido violências (em uma parcela menor que a das mulheres) por conta do sistema patriarcal que admite como “sujeito homem”, somente, aqueles que praticam ações que visam se posicionar dentro do que Michael Kimmel (1998) chamou de masculinidade hegemônica.

Neste sentido, concluímos, que o *Podcast MEMOH*, é uma ferramenta que pode causar desconfortos, inquietações e modificações de atitudes/comportamentos em seus ouvintes, para que questionem as suas atitudes dentro das relações de gênero.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação Araucária e à Universidade Estadual de Maringá por ceder uma bolsa de pesquisa para que fosse possível a nossa sondagem científica, assim, agradeço a Deus por colocar em meu caminho a professora doutora Eliane Rose Maio, que é extremamente competente em suas orientações. Agradeço aos meus Pais e à minha família, em especial ao meu avô, Rubens, que faleceu no mês de junho desse ano e sempre acreditou nos projetos que me lancei.

Referências

BARBOSA, Maria José. Chorar, verbo transitivo. **Cadernos Pagu.** Iowa, n.11 p.321-343, 1998. Disponível em:
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51279>. Acesso em: 28/11/2019 .

FOUCAULT, Michel. As unidades do discurso. In: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 21-70

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Masculinidade: historicidade, pluricidade e construção. In: _____. **Masculinidade em (RE)construção**: gênero, corpo e publicidade. Covilhã: LABCOM.IFP, 2016. P. 79-151. Disponível em:
<http://www.labcomifp.ubi.pt/livro/263>. Acesso em: 28/11/2019

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos** – corpo doença e saúde. Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, n. 9, pp.103-117, 1998. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0103.pdf>. Acesso em: 28/11/2019.

NASCIMENTO, Gessiela; ARCANJO, Roseane. **Análise audioestrutural do Podcast**, 2021. Disponível em:
https://d1wqxts1xzle7.cloudfront.net/65964240/Analise_Audioestrutural_do_Podcast_uma_proposta_metodologica_para_chamar_de_nossa-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1646068612&Signature=GaDOFI150SIPedwYV-XQ5XLzH7S4PwmQ7tx8FGi8G0uTe0DAN4GCWJtutD6fVZMOX8KZIIRPm5-9SqtTlPEFcATEgtliHaxRKWQBqpRN5lv0loybax~FVe8eGHTQDAKCksENvfSN3TxoyttLVndYpr80-SghSSV5dfuCc348p6a5HeAou1p8trutaolaRxkTlyCIA~Vrid~5wYmtbrw1eLhMCT7zAUbUGWPAYa84WYRtjge2AMKj0XRBH7ijYj8ww5M~7~-LyHuVGApjFtXOq4Wot7JXNPP3Fn-2jpvcEoM2JStfM8Theb2WJicHRGZ4L1SAK8N8INwbu5r3TLQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA Acesso em: 28/02/2022